

A MORFOSSINTAXE DO PORTUGUÊS MANAUARA: VARIAÇÃO E IDENTIDADE NAS QUATRO ZONAS DE MANAUS

Isabella Ramos Soares

Renata Baltazar Oliveira

Orientadora: Silvana Andrade Martins

Eixo 03

Resumo: Este artigo investiga a variação morfossintática do português falado em quatro Zonas da cidade de Manaus, com base em uma abordagem geossociolinguística que articula elementos da Dialetoлогия e da Sociolinguística. O objetivo é compreender como fatores extralinguísticos — como idade, escolaridade e localização geográfica — influenciam as variantes linguísticas observadas na fala manauara. A pesquisa utiliza metodologia empírica, com coleta e análise do corpus coletado por meio de entrevistas. Os resultados revelam variáveis morfossintáticas e estilísticas que caracterizam a oralidade de cada Zona da cidade, desafiando a concepção de erro baseada na norma-padrão. A análise reforça a importância de valorizar a diversidade linguística e propõe práticas pedagógicas mais inclusivas.

Palavras-chave: Variação Linguística; Morfossintaxe; Português Manauara; Geossociolinguística; Diversidade Linguística.

1. Introdução

A variação linguística é um fenômeno intrínseco às línguas naturais, refletindo não apenas diferenças estruturais, mas também aspectos históricos, sociais e culturais de uma comunidade (Labov, 1972). No contexto do português brasileiro, a cidade de Manaus, capital do Amazonas, destaca-se por sua diversidade linguística, marcada por processos migratórios, urbanização acelerada e contato entre variedades regionais (Martins e Martins, 2023). Essa heterogeneidade se manifesta em todos os níveis da análise linguística. No plano morfossintático, verificam-se fenômenos como concordância verbal, uso de pronomes e marcação de pluralidade, entre outros, os quais revelam padrões variáveis que merecem investigação sistemática.

Nesse cenário, esta pesquisa tem como foco analisar os aspectos morfossintáticos da fala manauara nas zonas Norte, Leste, Oeste e Sul de Manaus, considerando a influência de fatores extralinguísticos como localização geográfica, faixa etária e escolaridade. A escolha por essas zonas justifica-se pela sua representatividade sociodemográfica, uma vez que cada região apresenta particularidades históricas e culturais que podem refletir em diferenças linguísticas significativas (Farias, 2010).

Para tanto, a investigação tem como propósito geral examinar os fenômenos morfossintáticos variáveis na fala dos moradores das quatro zonas estudadas, com os seguintes propósitos específicos: identificar os principais traços morfossintáticos que distinguem as variedades linguísticas dessas regiões; analisar a correlação entre variação linguística e fatores sociais e geográficos; e contribuir para uma descrição mais acurada do português manauara, promovendo uma visão mais científica e menos preconceituosa sobre as variedades linguísticas não padrão.

A relevância desta pesquisa fundamenta-se em três aspectos principais: ampliar o conhecimento sobre a diversidade linguística na região amazônica, ainda pouco explorada nos estudos dialetológicos brasileiros; oferecer contribuições importantes para a formulação de políticas educacionais mais sensíveis à variação linguística no ensino de português; e, por fim, constituir um importante registro dos padrões linguísticos urbanos em constante transformação, servindo como fonte para pesquisas futuras.

Metodologicamente, a pesquisa adota a abordagem da sociolinguística variacionista (Labov, 1972), com coleta de dados realizada por meio de entrevistas semidirigidas com moradores das quatro zonas da cidade selecionadas para esta pesquisa. O corpus coletado foi analisado quantitativamente. Os resultados obtidos poderão contribuir tanto para o esclarecimento de aspectos estruturais do português falado em Manaus quanto para o aprofundamento de discussões sobre identidade linguística e justiça social no contexto amazônico.

2. Metodologia

Este estudo adota uma abordagem quantitativa fundamentada nos princípios da sociolinguística variacionista, com foco na análise de aspectos morfossintáticos da fala em

Manaus. A pesquisa foi desenvolvida por meio de entrevistas semidirigidas com moradores das quatro zonas geográficas da cidade (norte, leste, oeste e sul).

2.1. Seleção dos Participantes

Foram selecionados 13 (treze) informantes, sendo 3 (três) da Zonas Leste, 3 (três) da Oeste e 3 (três) Sul e 4 (quatro) da Zona Norte de Manaus, distribuídos em três perfis sociolinguísticos distintos:

1. Crianças (10-11 anos) e Adolescentes (12 a 18 anos incompletos) - Ensino Fundamental II ou Médio Incompleto;
2. Adulto (18-25 anos) - Ensino Médio completo;
3. Adulto (18-60 anos) - Ensino Superior (cursando ou completo).

2.2. Critérios

- Nascidos e residentes há pelo menos 10 anos na respectiva zona;
- Sem vínculo familiar ou de amizade próxima com o pesquisador;
- Disponibilidade para entrevista presencial gravada.

2.3. Coleta de dados

As entrevistas foram realizadas pessoalmente, em ambiente escolhido pelo entrevistado, utilizando gravador de áudio digital/celular. O roteiro incluiu quatro perguntas abertas, formuladas para obter fala espontânea e natural:

1. "O que você fez no seu dia hoje?"
2. "O que você gosta de fazer no fim de semana?"
3. "Com o que você trabalha?"
4. "Conte uma memória feliz."

2.4. Processamento e análise de dados

As gravações foram transcritas ortograficamente e analisadas seguindo estas etapas:

1. Identificação de padrões morfosintáticos relevantes;
2. Análise quantitativa das variáveis linguísticas;
3. Comparação dos resultados das variáveis linguísticas analisadas entre as diferentes zonas;

4. Relação com fatores sociais (idade e escolaridade).

Esta metodologia foi planejada para captar a variação linguística em situações reais de comunicação, fornecendo dados autênticos para a análise dos padrões morfossintáticos do português falado na cidade de Manaus.

3. Fundamentação Teórica

A Sociolinguística se consolida como campo científico ao investigar as relações entre língua e sociedade, evidenciando como fatores sociais, culturais e geográficos moldam as práticas linguísticas. Conforme Tarallo (2001), a língua deve ser entendida não como sistema homogêneo, mas como veículo dinâmico de comunicação, carregado de significados sociais e identitários. Essa perspectiva é relevante para o estudo do português amazônico, onde a diversidade linguística reflete um complexo entrelaçamento de influências históricas, migratórias e culturais. Nesta região, a miscigenação linguística - resultante do contato entre variedades regionais, indígenas e migrantes - gerou um dialeto urbano singular, como destaca Martins e Martins (2023) em estudos sobre a fala manauara.

3.1. Variação Linguística na Amazônia: Diatópica, Diastrática e Diacrônica

A variação linguística na Amazônia manifesta-se em três dimensões interligadas. A variação diatópica, relacionada à distribuição geográfica, é exemplificada pela realização palatal do /s/ no falar amazonense (Martins e Martins, 2023), contrastando com a realização alveolar em outras regiões (Cardoso, 2010). Já a variação diastrática, vinculada a estratos sociais, aparece no uso diferenciado de lexias como "curumim" entre comunidades ribeirinhas e urbanas (Martins e Martins, 2023). Por fim, a variação diacrônica revela transformações históricas no português regional devido a influências de línguas indígenas como o Nheengatu - língua franca que se desenvolveu na Amazônia durante o período colonial, tornando-se uma forma de comunicação entre diferentes grupos indígenas e colonizadores, além de outros falares do português como a variedade falada por migrantes nordestinos. Essas variações comprovam que o português amazônico constitui um sistema coerente, com regras próprias e profundamente arraigado na cultura local (Labov, 1972), desafiando noções rígidas de norma padrão.

3.2. Língua, Identidade e Preconceito Linguístico

A linguagem reflete a identidade cultural e, em Manaus, a mistura de línguas originadas por migrações e contatos diversos criou um dialeto urbano único (Martins e Martins, 2023). No entanto, como adverte Bagno (2007), a hierarquização das variedades linguísticas promove o preconceito, sobretudo em ambientes educacionais, nos quais a norma-padrão é frequentemente imposta como a única forma legítima de expressão.

Nesse contexto, a sociolinguística crítica propõe uma perspectiva mais inclusiva, ao afirmar que toda variação linguística é legítima, pois a eficácia comunicativa não depende, necessariamente, da adesão à norma culta (Alkmin, 2001). Além disso, defende que o papel da escola deve ser o de valorizar a diversidade linguística, promovendo a conscientização sobre as variações existentes sem reforçar estigmas ou exclusões (Bagno, 2007).

3.3. Metodologias de Análise Sociolinguística

Estudos, como os desenvolvidos no âmbito do projeto sobre a fala manauara (Martins e Martins, 2023), evidenciam a relevância de abordagens qualitativas para a compreensão da complexidade da variação linguística. A análise de corpora orais, especialmente por meio de entrevistas semidirigidas, tem se mostrado eficaz para o mapeamento de padrões fonéticos, como a neutralização de /l/ e /k/ em palavras como *filhinha* [fi'li ɲa]; de traços morfossintáticos, a exemplo da preferência pelo uso de *a gente* em vez de *nós*; e de inovações lexicais, representadas por expressões regionais como *tá brocado* ou *kikão*.

3.4. Contribuições para a Educação Linguística

A base teórica que sustenta este estudo reforça a urgência de políticas educacionais que reconheçam a diversidade linguística, incorporando as variedades regionais aos currículos escolares. Além disso, destaca-se a importância de combater o preconceito linguístico por meio de uma formação docente crítica e reflexiva, conforme propõe Alkmin (2001). Outro aspecto essencial é a documentação sistemática das variações linguísticas, a exemplo do trabalho desenvolvido pelo *Atlas Linguístico do Brasil* e a coleção *A Fala Manauara*, dos estudiosos Valteir Martins e Silvana Martins, como forma de preservar e valorizar a riqueza linguística da região amazônica.

Em síntese, a sociolinguística amazônida, ao integrar estudos diatópicos, diastráticos e diacrônicos, revela que a língua é um fenômeno social em constante evolução. A fala manauara, com seus traços fonéticos, lexicais e sintáticos únicos, não apenas reflete a história da região, mas também desafia noções rígidas de "certo" e "errado", reafirmando a importância de uma abordagem científica e inclusiva da variação linguística.

4. Análise e interpretação de dados

Essa categorização dialoga com pesquisas sobre a oralidade. Marcuschi (2006) observa que a oralidade prototípica, construída face a face, apresenta descontinuidades decorrentes de hesitações, interrupções, repetições, correções e elipses, o que a torna fragmentária. No que se refere à parataxe, Tarallo (2007) descreve que o português falado recorre frequentemente à justaposição de orações por meio de conectores simples como “e” e “ai”. Já Castilho (2010) aponta que as fronteiras entre coordenação e subordinação não são rígidas, havendo construções que combinam elementos de ambas, o que evidencia zonas híbridas. Por fim, a sequencialidade das falas encontra respaldo em Labov (1972), para quem a narrativa oral consiste em “um método de recapitular a experiência passada por meio do encadeamento de uma sequência verbal de orações à sequência de eventos que realmente ocorreram” (p. 359).

Além disso, a partir das discussões de Martins e Martins (2023) sobre a fala manauara, optamos por evidenciar aspectos recorrentes da oralidade urbana e, em diálogo com outros estudos sobre a sintaxe da fala (Marcuschi, 2006; Tarallo, 2007; Castilho, 2010; Labov, 1972), propusemos a classificação das falas em quatro categorias: “fragmentada”, “paratática”, “mista” e “sequencial”. A categoria “fragmentada” foi utilizada para falas com interrupções constantes e ausência de conexão lógica clara; “paratática”, para aquelas que justapõem ações ou ideias com conectores simples como “e” e “ai”; “mista”, para discursos que alternam entre subordinação e coordenação; e “sequencial”, para falas ordenadas temporalmente, porém com pouca articulação sintática complexa.

As entrevistas realizadas com moradores das zonas Norte, Sul, Leste e Oeste de Manaus revelam uma rica diversidade de padrões morfossintáticos, condicionados por fatores como idade, escolaridade e localização geográfica. A análise foi organizada por perfil sociolinguístico, respeitando os critérios definidos na metodologia, e a interpretação dos

dados foi estruturada em três etapas: observação dos fenômenos linguísticos, categorização por tipo de variação e comparação entre os perfis e zonas da cidade.

4.1. Análise por perfil

Na análise do corpus, apresenta-se uma análise qualitativa, identificando as variáveis linguísticas, as quais são categorizadas por tipo de variação e em referência ao perfil do colaborador em que elas foram registradas, considerando as Zonas de Manaus à qual eles pertencem. Assim seguem-se algumas variáveis identificadas:

- a) Colaboradora 1: (Zona Oeste, 10 anos de idade, cursando EF II): uso de forma verbal não padrão “vinheram (eles vieram)” e omissão da marca de plural em “meus primo”, caracterizando padrões morfossintáticos comuns à fala infantil.
- b) Colaboradora 2: (Zona Oeste, 25 anos, ensino superior completo): presença de “pausas preenchidas” (“é”, “aí”), estrutura paratática e organização narrativa fluente, com traços informais da oralidade urbana manauara.
- c) Colaboradora 3: (Zona Oeste, 18 anos, cursando Letras): uso de “tu” com verbo na 3ª pessoa do singular (“tu passou”), típico da concordância híbrida do português urbano brasileiro.
- d) Colaborador 4: (Zona Sul, 25 anos, técnico em enfermagem): estruturação paratática e uso de conectores temporais como “alguns dias”, “outros dias”, indicando fluidez descritiva.
- e) Colaborador 5: (Zona Sul, 17 anos, ensino médio incompleto): fala espontânea, uso de gerúndios e pausas reflexivas com traços informais (“descansando a mente”).
- f) Colaborador 6: (Zona Sul, 24 anos, cursando superior): combinação de períodos simples e subordinados, demonstrando domínio de construções híbridas.
- g) Colaborador 7: (Zona Norte, 19 anos, cursando Direito): fala direta, objetiva, com uso padronizado das formas verbais e conectores simples.
- h) Colaborador 8: (Zona Norte, 11 anos, EF II): uso afetivo de diminutivos (“banhinho”), com organização sequencial e marcações hesitantes da oralidade infantil.

- i) Colaborador 9: (Zona Norte, 17 anos, médio completo): frases curtas, uso de interjeições (“rap...”), conectores reduzidos (“só”), com traços típicos do discurso juvenil.
- j) Colaborador 10: (Zona Oeste, 50 anos, médio completo): presença de pausas, repetições (“né?”) e discurso religioso com citações bíblicas; fala com forte marca de identidade cultural.
- k) Colaboradora 11: (Zona Leste, 19 anos, médio completo): uso significativo de interjeições locais (“mana”), justaposição de orações e fala fluida, espontânea.
- l) Colaboradora 12: (Zona Leste, 23 anos, cursando Contabilidade): fala informal típica da oralidade urbana, com usos significativos de conectores.
- m) Colaborador 13: Zona Leste, 17 anos, médio incompleto): pausas reflexivas, interjeições (“hahaha”) e estrutura sintática paratática.

4.2. Quadro comparativo: Fenômenos morfossintáticos observados por perfil e zona geográfica

Informante (Zona)	Concordância verbal	Flexão de plural	Pronomes pessoais	Conectores	Sintaxe
C1 (Zona Oeste)	“vinheram”	“meus primo”	Simplificação	“ai”, “né”	Fragmentada
C2 (Zona Oeste)	Conforme norma-padrão	Conforme norma-padrão	“cê”	“é”, “ãn”	Paratática
C3 (Zona Oeste)	“tu passou”	Conforme norma-padrão	“tu”, “você”	“eita”, “né”	Mista
C4 (Zona Sul)	Conforme norma-padrão	Conforme norma-padrão	“eu”	“né”, “tal”	Paratática
C5 (Zona Sul)	“tô estudando”	Conforme norma-padrão	“eu”	pausas	Paratática
C6 (Zona Sul)	Conforme norma-padrão	Conforme norma-padrão	“eu”	“às vezes”	Mista

C7 (Zona Norte)	Conforme norma-padrão	Conforme norma-padrão	“eu”	“e também”	Paratática
C8 (Zona Norte)	Conforme norma-padrão	Conforme norma-padrão	“eu”	hesitações	Sequencial
C9 (Zona Norte)	Conforme norma-padrão	Conforme norma-padrão	“eu”	“rap...”, “só”	Fragmentada
C10 (Zona Oeste)	Conforme norma-padrão	Conforme norma-padrão	“eu”	“né”, pausas	Repetitiva
C11 (Zona Leste)	Conforme norma-padrão	Conforme norma-padrão	“eu”	“mana”	Sequencial
C12 (Zona Leste)	Conforme norma-padrão	Conforme norma-padrão	“eu”	omissões	Reduzida
C13 (Zona Leste)	Conforme norma-padrão	Conforme norma-padrão	“eu”	“aí”, “de noite”	Paratática

5. Considerações finais

As falas analisadas revelam que a variação morfossintática no português falado em Manaus reflete não apenas diferenças linguísticas estruturais, mas também dinâmicas sociais, geográficas e identitárias. Observa-se que os perfis mais jovens tendem a empregar marcadores conversacionais, como “né”, “aí” e “mana”, que servem para iniciar, retomar ou manter a interação durante a fala, além de apresentarem formas pronominais simplificadas, substituindo construções mais complexas da norma padrão por alternativas mais informais, como “tu” ou “a gente”, em contraste com a norma padrão. Já os falantes mais velhos e escolarizados demonstram domínio de estruturas mais mistas, alternando entre formas da norma padrão e da fala popular, e tendem a organizar suas orações de maneira menos sequencial, com maior presença de construções hipotáticas e subordinadas, enquanto os jovens costumam apresentar uma sintaxe sequencial, em que as ideias aparecem de forma linear, como em “Cheguei em casa. Comi. Dormi.”, em oposição a “Quando cheguei em casa, comi antes de dormir”.

Geograficamente, observa-se que os entrevistados da Zona Norte utilizam predominantemente estruturas paratáticas e objetivas, com poucas articulações subordinadas, enquanto a Zona Sul apresenta construções mais hipotáticas e descritivas. A Zona Leste evidencia uma oralidade fluida e vibrante, com expressões locais marcantes e ritmo discursivo acelerado, e a Zona Oeste reflete uma mescla de fala escolarizada com traços populares.

Esses resultados reiteram a importância de compreender o português manauara como um sistema legítimo e funcional. Reconhecer e valorizar essa diversidade é essencial para combater o preconceito linguístico e propor práticas pedagógicas mais justas, que integrem as variedades reais da língua ao ensino formal. O presente estudo reforça, portanto, a necessidade de políticas educacionais que considerem a pluralidade linguística brasileira como um recurso e não como um obstáculo.

6. Referências

ALKMIM, Tânia Maria. **Parte I: Sociolinguística**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. Introdução à lingüística: domínios e fronteiras, v.1, 6 ed. São Paulo: Cortez, 2006. p.21-47.

ARAÚJO, Alcione Alves de Oliveira de. **Variação morfossintática na Zona Leste de Manaus: um estudo Geossociolinguístico**. 2018. 318 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

CARDOSO, Suzana Alice. **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: EDUEL, 2014.

FARIAS, Katriana. **Sociolinguística e Dialectologia Amazônica/amazônida: Considerações sobre Linguagem, Cultura, Sociedade e Educação**. Dissertação (Mestrado em ciências da Linguagem) - Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho (RO), 2010.

FILHO, Fernando Vieira Peixoto. **Morfossintaxe do Português**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2021.



**XXIII
SEINPE**
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

LIRA, Aline D' Paula Miranda. **Variação Morfossintática nas zonas leste e norte de Manaus: um estudo geossociolinguístico**. 2024. 236 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2024.

MARTINS, Valteir; MARTINS, Silvana. **A fala manauara**. Manaus: Editora UEA, 2023.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

KOCH, Ingedore Villaça. **A construção do sentido na interação verbal**. São Paulo: Contexto, 2004.